

# **PROFESSORES PARTICIPANTES DO PROJETO**

“O JORNAL NA UNIVERSIDADE 2005”

## **Professores**

Abel Fidalgo Alves

Aline Maria M. Miotto

Ana Paula Machado Velho

Antônio Paulino dos S. Junior

Carmem Lúcia Cuenca Moraes

Célia Mazzo Mura

Cristina Constantino Herold

Edmara Rita Telles

Edson Barbosa

Edvaldo Sábia Gonçalves

Elen Humphereys

Emerson Garcia Dutra

Fabiana Soares

Geni Col Gomes

Gislaine Cristina Vagetti

Isla Silva S Gonçalves

Joana Ercília Aguiar

Júnior César Castilho

Lia Márcia Britto Negra

Marcelo Augusto Amaral

Marcos Antônio Matos

Rachel Brotherhood

Ricardo Yamamoto

Sâmara da Silva

Sandra Simonelli

Selson Garutti

Silvia Goya

Vanessa Taís Nozaki

## **JORNAL: UMA FERRAMENTA DE ENSINO EFICAZ TAMBÉM NO TERCEIRO GRAU**

Quando recebemos o convite para implantar no Centro Universitário de Maringá um projeto de jornal em sala de aula, não deveríamos termos nos surpreendido, pois já tínhamos a experiência de um projeto semelhante para alunos do ensino elementar na rede pública. Teoricamente teríamos apenas de repetir a formatação em outras salas de aula e seguirmos em frente com o trabalho de renomado sucesso que já desenvolvíamos há mais de sete anos. Parecia simples considerando que já dispúnhamos de estrutura própria e conhecimento necessário para a tarefa. Mas confesso que a mim, em especial, aquilo pareceu estranho.

É preciso esclarecer qual a função de programas como esse para as escolas de ensino fundamental e para os representantes da indústria de jornais. Jornal na escola é um projeto nacional, desenvolvido pela ANJ – Associação Nacional dos Jornais em parceria com os governos estaduais e municipais na busca de dois objetivos complementares: desenvolver no aluno a compreensão de textos mais complexos bem como sua capacidade crítica, enquanto que para os jornais, o objetivo é formar leitores para ao futuro, desenvolvendo-lhes o hábito de leitura e, lógico, garantindo mercado para seus produtos.

Este é o típico acordo de “ganha-ganha”, que as administrações modernas tanto buscam. Ganha o aluno, que passa a ser integrado ao mundo de maneira objetiva, ao desenvolver-lhe a capacidade de compreensão de ambientes complexos, armazenar-lhe de informações atuais que sempre lhe serão úteis, e dele afastar o preconceito a textos longos, o que mais tarde lhe facilitará sobremaneira o aprendizado. Ganha o poder público, sempre carente de recursos e materiais apropriados, ganham os jornais ao desenvolverem mercado para o futuro e, principalmente, ganha a sociedade, que passa a formar cidadãos mais críticos e sabidamente mais comprometidos.

O que me estranhou no convite não foi a nossa capacidade em desenvolver projeto semelhante com o Cesumar, que como já disse, havia sete anos que nosso projeto “Diário na Escola” desenvolvia tais

funções com renomada eficiência na rede pública e estruturalmente, estávamos preparados para qualquer desafio similar. O estranhamento se deu por se tratar de uma instituição de ensino de terceiro grau. Toda nossa experiência estava calcada em trabalho com crianças de 8 a 12 anos, e agora, trabalharíamos com jovens acima dos 17, e muitos com mais de 21 anos. Uma senhora diferença.

Mas efetivamente o que mais me chamou atenção foi a justificativa apresentada pelo Reitor Wilson Matos quando da formulação do convite: Os acadêmicos da instituição em sua grande maioria apresentavam grande dificuldade para compreensão de textos complexos e por conseqüência elaboravam pobremente seus textos, demonstrando profundas incoerências gramaticais e de estilo. Realmente isso me surpreendeu. Afastado do meio acadêmico há quase vinte anos, imaginava que ao se prepararem para o vestibular os candidatos saneassem tais deficiências, principalmente considerando o peso que a redação tem naquela avaliação. Mais surpreso ainda fiquei ao ter contato com os textos, devidamente apresentados pela Professora Lízia Nagel que coordenou o projeto no seu primeiro ano. Realmente algo precisava ser feito.

O que diferencia o projeto “Diário na Escola” dos demais desenvolvidos no território brasileiro é a supervisão de um pedagogo devidamente especializado nas atividades escolares realizadas com o jornal. Mensalmente várias oficinas são ministradas para o melhor aproveitamento dessa ferramenta e os resultados têm se mostrado alvissareiros. Mas repetir tal formato com alunos de terceiro grau era impraticável. A partir daí, toda a responsabilidade pedagógica ficou a cargo da Professora Lízia Nagel, e admito, foi um trabalho para doze Hércules juntos!

A complexidade da formatação do projeto foi de tal envergadura que nos fez atrasar a entrega inicial dos jornais por quase trinta dias. Entenda-se que foram muitos os cursos que participaram desse primeiro ano e em diversas turmas distintas dentro de cada curso. A ação envolveu professores das mais diferentes áreas, utilizando métodos de ensino novos e fora dos respectivos programas. Além disso, era necessário envolver os acadêmicos de modo despertar neles interesses positivos com o projeto. Convenhamos, a nossa tarefa de

entregar o jornal todos os dias na instituição era muito mais simples.

Inicialmente entregamos diariamente aproximadamente mil e duzentos exemplares na primeira fase do projeto. Em preço de capa, na época, R\$ 1.800,00 (mil e oitocentos reais) num exemplar normal e R\$ 3.000,00 (três mil reais) nos exemplares de domingo, entregues na segunda-feira. Em três meses, período em que os exemplares foram entregues na primeira etapa, algo em torno de R\$ 160.000,00 (cento e sessenta mil reais). Um senhor investimento se considerarmos apenas os exemplares de jornal. Mas muito mais houve, desde a administração e o esforço de toda a equipe envolvida.

Nas inúmeras reuniões que tivemos, desde o planejamento até o acompanhamento da ação, sempre nos incomodou a necessidade de tratarmos no jornal assuntos que fossem de interesse direto das turmas participantes no projeto. Mas é preciso descrever a dificuldade da produção diária de um jornal, afinal tudo conspira contra o sucesso de uma edição. Sendo um dos poucos exemplos de empresa de Serviços e Indústria em todo o mundo (comércio e serviços, ou indústria e comércio há muitos, mas serviços e indústria, praticamente apenas os jornais), a atividade jornal, que é o serviço de informação diária, esbarra nas dificuldades da indústria – a gráfica – que lhe determina os prazos. Quem já utilizou serviços gráficos sabe bem como são esses prazos. E um jornal é um produto gráfico diário. É certo que a tecnologia tem avançado significativamente nos últimos anos, mas certas etapas da produção de jornal continuam inalteradas, gerando os dois grandes limitadores da atividade: espaço e tempo. Espaço é papel, custo direto, que aumenta na razão da quantidade de exemplares impressos por página produzida. E tempo, limitador gerado pela capacidade de impressão, ditada pela base de equipamentos instalados. Equipamentos caríssimos que a revolução tecnológica ainda não conseguiu derrubar os gastos de implantação.

Com limitadores desse porte, gerar espaços destinados exclusivamente ao interesse de um projeto específico era realmente desgastante, que exigiu uma boa reengenharia em nossos processos internos. Claro que o resultado obtido não foi exatamente aquele desejado, mas suficiente para que todas as disciplinas fossem contempladas. Todavia, o espaço que foi aberto para artigos e cartas dos

acadêmicos não pode ser totalmente ocupado, pela mais absoluta falta de material. Interessante esse ponto, uma vez que nas primeiras reuniões que tivemos com a equipe de professores, esse foi o pedido que mais teve eco, ou seja, que abríamos espaço para que tanto professores como acadêmicos pudessem se manifestar a respeito do projeto. Verdadeiramente, poucos foram os trabalhos encaminhados diretamente à redação, mesmo por parte dos professores.

Á nós, que acompanhávamos o desenvolvimento dos trabalhos pelo lado de fora das salas de aula, isso sinalizava que as coisas não andavam bem. A ausência de artigos a serem publicados equivaleria, para nós, ao desinteresse da comunidade acadêmica pelo projeto em andamento. Mas estávamos errados. Os resultados das avaliações de fim de período indicaram um aumento considerável na capacidade de compreensão de textos complexos, bem como aumento da qualidade dos textos produzidos por aqueles alunos que participaram do programa em relação aos que não fizeram parte dele. Os trabalhos de conclusão das disciplinas confirmaram essa indicação, mostrando que a leitura de jornais diariamente contribuiu efetivamente para a melhoria da capacidade cognitiva desses alunos.

Desnecessário dizer da nossa alegria com tal resultado. Sua consequência natural foi a continuidade do projeto no ano seguinte. Dessa vez a coordenação pedagógica passou para as mãos da competentíssima professora Rachel Brotherhood, que compreendeu a necessidade de promover ajustes na formatação dos trabalhos. Mais disciplinas foram agregadas, enquanto que menos exemplares foram distribuídos diariamente, diminuindo consideravelmente os custos diretos. A condução dos trabalhos em sala de aula também modificou sem, todavia, se perder a qualidade. Mais maduro o projeto avançou pacificamente durante todo o ano de 2004. A aparente antipatia que os primeiros acadêmicos sugeriam no início de 2003, definitivamente desaparecera. O problema passou a ser outro: Como contemplar tantas turmas ávidas por participar do projeto?

O trabalho ganhou corpo e respeito dentro e fora da instituição. Seu ineditismo garantiu espaços em divulgação de outros veículos de comunicação e o acompanhamento da ANJ – Associação Nacional de Jornais, interessadíssima nos seus resultados. Jornais de

outros estados se manifestaram para conhecer a metodologia empregada e constantemente informações nos são solicitadas. Enfim, a constatação de que, mesmo numa primeira análise aquilo parecesse um pouco estranho, verdadeiramente faz sentido promover a ferramenta de Jornal na Escola também para alunos de terceiro grau. Uma vez utilizados os mecanismos adequados, os resultados serão tão ou mais eficientes do que quando desenvolvidos com crianças do ensino elementar. Com a vantagem de que o tempo necessário para a consolidação do leitor ser significativamente menor.

Uma vez concluídos os trabalhos restou-nos uma enorme satisfação pela qualidade dos trabalhos apresentados pelos acadêmicos. De minha parte confesso ter sido uma experiência totalmente gratificante. Em primeiro lugar, por trabalhar com profissionais tão competentes e qualificados, depois, pela confiança demonstrada pelas instituições – Cesumar e O Diário – em delegar-nos tal tarefa. Finalmente, pelos resultados obtidos. Por essas razões não posso me omitir de externar meus agradecimentos diretos ao Reitor Wilson Matos e ao empresário Franklin Vieira da Silva, que, homens de visão que são, souberam identificar o problema, alocar os recursos necessários e distribuir responsabilidades a um corpo profissional qualificado para que os objetivos fossem atingidos. Não apenas pela formação de novos leitores de jornal, mas para a formação de pessoas críticas e inseridas na sociedade, aptas a compreendê-la melhor e promover as mudanças necessárias em seu tecido para que esta seja mais justa e menos desigual. Pessoalmente, restou-me um portfólio invejável e a doce satisfação do trabalho bem feito.

**Milton Ravagnani**

*(Gerente executivo de circulação de O Diário do Norte do Paraná durante o período de implantação do projeto Jornal na Universidade)*